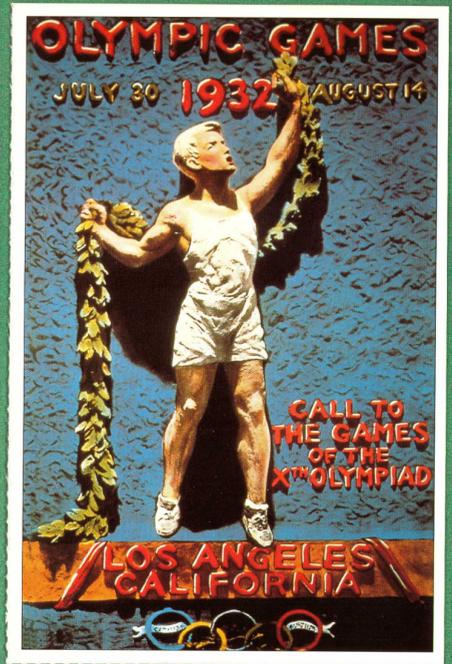
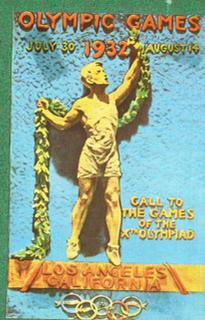


ESTADOS UNIDOS, 1932 O quadro de medalhas

Pais	Ouro	Prata	Bronze
Estados Unidos	41	32	31
Itália	12	12	12
França	10	5	4
Suécia	9	5	9
Japão	7	7	4
Hungria	6	4	5
Finlândia	5	8	12
Alemanha	4	12	5
Inglaterra	4	7	5
Austrália	3	1	1
Argentina	3	1	-
Canadá	2	5	8
Holanda	2	5	-
Polónia	2	1	4
África do Sul	2	-	3
Irlanda	2	-	-
Tchecoslováquia	1	2	1
Áustria	1	1	3
Índia	1	-	-
Dinamarca	-	3	3
México	-	2	-
Letônia	-	1	-
Nova Zelândia	-	1	-
Suíça	-	1	-
Filipinas	-	-	3
Espanha	-	-	1
Uruguai	-	-	1



A depressão não tira o brilho de Los Angeles

Os Estados Unidos da América andavam mal das pernas naquela terceira década do século. Era a época da depressão econômica, um mal que se alastrava por quase todos os cantos do planeta e recomendava a suspensão da Olimpíada marcada para Los Angeles, em 1932. Apesar do clima sinistro que rondava o mundo das finanças, um grupo de empresários que conseguia sobreviver em meio à crise — liderados por William May Garland —, resolveu apostar na viabilização do projeto. Construíram uma bela Vila Olímpica com vista para o Pacífico, fizeram os cálculos de que os itens hospedagem/alimentação/transporte não custariam mais do que US\$ 2 ao dia, e solicitaram aos países que enviassem seus melhores representantes.

Nem todos acreditaram nas palavras dos norte-americanos. Prevendo que os X Jogos Olímpicos seriam um fracasso, os europeus mandaram poucos atletas à América, e a competição, em consequência, reuniu apenas 1.400 competidores, a metade do que havia sido totalizado em 1928, em Amsterdã.

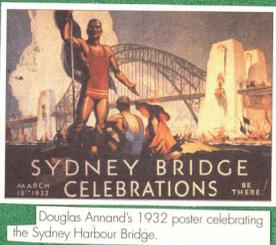
Na Olimpíada de 1928, quando as mulheres foram aceitas nas provas de atletismo, a jovem norte-americana Mildred Didrikson tinha apenas 13 anos e sonhava com o sucesso esportivo. Nas brincadeiras e jogos de rua era sempre superior.

Babe Didrikson, o sucesso que veio das brincadeiras de rua

Quatro anos depois, a realização da Olimpíada em Los Angeles foi um prêmio do destino à novaiorquina conhecida como Babe Di-

trikson. Ela ganhou uma medalha de ouro nos 80m com barreira, outra no lançamento de dardo, e só não ficou com uma terceira no salto em altura porque os juizes concluíram que sua cabeça ultrapassara o sarrafo antes do corpo, contrariando regra então existente.

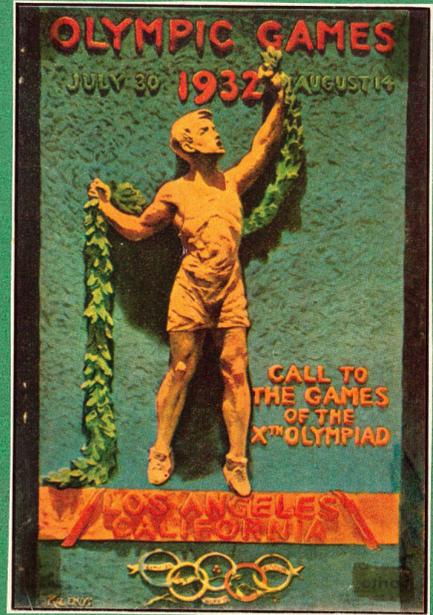
Babe Didrikson morreu em 1956 com 41 anos.



Douglas Annand's 1932 poster celebrating the Sydney Harbour Bridge.



Nadadores brasileiros



para cuidar do cardápio de cada delegação, assistência técnica perfeita, desde as exigências feitas pelos regulamentos internacionais de cada um dos dezessete esportes programados, até os detalhes aparentemente mais insignificantes, com os quais os organizadores anteriores não se haviam preocupado. Os americanos puderam se orgulhar do que realizaram em 1932.

Na tarde de 30 de julho, o estádio lotado por mais de 100 000 pessoas, Charles Curtis, então vice-presidente dos Estados Unidos, declarou os X Jogos Olímpicos oficialmente abertos. A partir daí, tudo ou quase tudo saiu perfeito. Como acentuou o historiador Arthur Daley, houve uma sucessão de recordes em Los Angeles: recorde de bom tempo (poucas vezes o sol da Califórnia foi tão generoso), recorde de público, recorde de renda (isso numa época de depressão econômica) e recorde em todas as provas realizadas nas duas semanas que se seguiram, até 14 de agosto.

Atletismo, tênis, basquete, golfe. E tudo com "Babe"

A qualidade das instalações contribuiu muito para que esses últimos recordes fossem estabelecidos: pista e campo do Coliseu eram excelentes, o Auditório Olímpico foi o lugar ideal para as lutas e provas de halterofilismo, a piscina nada tinha de parecido em todo o mundo, os estandes de tiro, as quadras de tênis, as raíes de remo, a pista de hipismo possibilitavam marcas e feitos até então não atingidos.

Os americanos, dessa vez, foram nitidamente superiores no atletismo (onze medalhas de ouro contra três dos finlandeses, duas dos britânicos, duas dos irlandeses e cinco outras que foram divididas entre um italiano, um canadense, um polonês, um japonês e o argentino Juan Carlos Zabala, ganhador da maratona). Paavo Nurmi também estava em Los

Angeles, tentando o que todos diziam impossível: ser tetracampeão olímpico. Mas não teve chance de provar se podia ou não ganhar pela quarta vez consecutiva, pois o Comitê Olímpico Internacional, depois de estudar uma denúncia feita por representantes de vários países, decidiu que o famoso corredor finlandês havia se tornado profissional, tendo se exibido por dinheiro em torneios da Europa, e que portanto não poderia participar dos 10 000 metros de 1932. Nurmi sempre negou esse fato. Com todo o seu passado olímpico, porém, ninguém acreditou no seu amadorismo.

Mas nem tudo foi perfeito em Los Angeles. A prova dos 3 000 metros com obstáculos, o *steplechase* que tantas emoções despertava no público, foi corrida em uma volta a mais, por erro dos juizes. Um erro imperdoável, que não permitiu ao finlandês Volmari Iso-Hollo, vencedor da prova, estabelecer um recorde com os demais atletas.

Uma coisa ninguém discutiu: os X Jogos Olímpicos foram a consa-



Yvonne Goddard, Jean Cartonnet e Jean Taris, nadadores da França. Cartonnet, o recordista mundial, foi vencido por Tsuruta, do Japão.



A equipe americana de natação, em 1932. Das cinco provas para mulheres, os Estados Unidos ganharam quatro.

gração de Mildred "Babe" Didrikson, que ganhou duas medalhas de ouro, com novos recordes mundiais nos 80 metros com barreira e no arremesso do disco. E mais ela teria conseguido, se os juizes não anulassem o seu salto em altura, por não permitirem que sua cabeça ultrapassasse o sarrafo antes do resto do corpo. Por causa desse regulamento — pouco depois modificado —, ela teve de se contentar com uma medalha de prata nessa prova. O que não se sabia era que ela estava apenas começando uma carreira gloriosa no esporte.

Nos anos que viriam depois de Los Angeles, Babe se tornaria uma excelente jogadora de basquete (várias vezes cestinha e campeã dos Estados Unidos), golfista (chegou a ganhar o Women's Open), tenista (inúmeros títulos em torneios de amadores), além de participação destacada em outros esportes.

Brasileiros pagam para viajar num cargueiro

À margem dos X Jogos Olímpicos, os historiadores citam dois episódios envolvendo delegações sul-americanas. Um deles começou quando atletas argentinos se rebelaram contra o chefe da delegação, o que levou o Comitê Olímpico do seu país a mandar, de Buenos Aires, um novo dirigente para pacificar as coisas. Inútil, porém. A delegação se dividiu, as discussões continuaram e logo

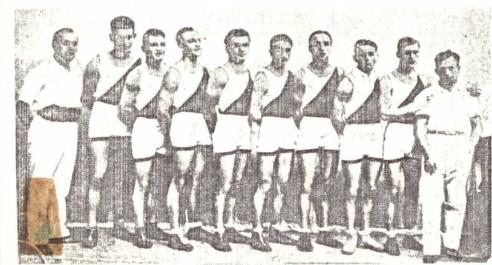


O argentino Juan Carlos Zabala, coroado em Los Angeles, logo após vencer a maratona.

foram substituídas por socos e pontapés trocados em plena Vila Olímpica. De volta a Buenos Aires — mesmo trazendo entre eles um campeão, o fundista Zabala —, os argentinos tiveram uma acolhida inesperada: foram todos presos por ordem do governo.

O outro episódio diz respeito a 69 atletas brasileiros que, sem ajuda oficial para viajar, teriam aceitado um insólito oferecimento do governo: eles embarcariam num cargueiro e se encarregariam de vender o café, de porto em porto, até Los Angeles, para com isso financiarem sua própria participação nos Jogos. No fim, dos 69 atletas, apenas 45 puderam chegar ao seu destino, porque os outros 24 não tinham, sequer, 1 dólar para pagar a taxa de desembarque.

Equipe de boxe da Hungria. Apenas Istvan Enekes, de sapatinha branca, voltou campeão.



O personagem

Maria Lenk se tornou a primeira mulher sul-americana em uma Olimpíada, em 32. Não passou das eliminatórias. Em 39, a nadadora se consagrou ao quebrar dois recordes mundiais, graças ao uso inovador do nado borboleta, então admitido como nado de peito.

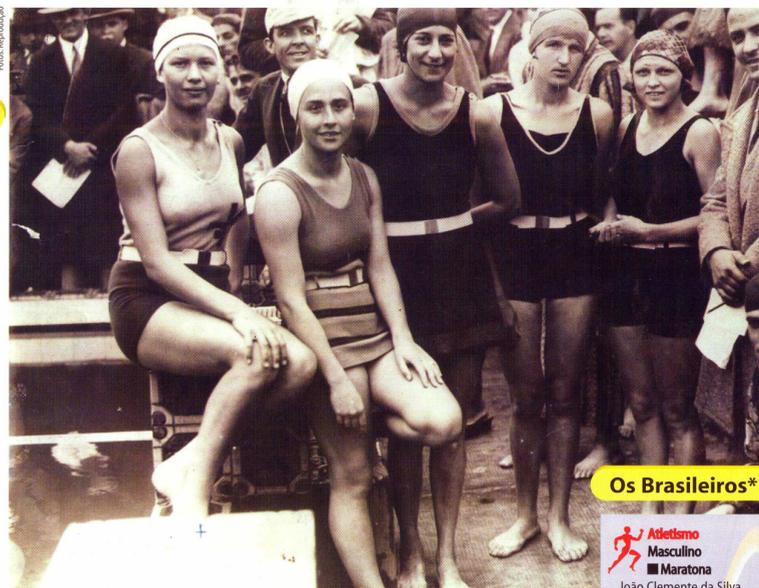
Hoje, aos 81 anos, é professora de Educação Física aposentada.

Folha - Como a srta. se sentia em Los Angeles?
Maria Lenk - Eu era recém-introduzida no esporte internacional. Realmente a chama olímpica acendeu lá em Los Angeles, onde eu aprendi muita coisa. A viagem foi difícil. Havia uma dificuldade de câmbio, porque, depois que o navio saiu, estourou a Revolução de 32, que nos apanhou no caminho. Não tivemos grandes vitórias. Eu consegui chegar ao que chamavam de semifinal.

Folha - A srta. estava mais preparada nos Jogos de Berlim, em 36?
Lenk - Comecei a nadar borboleta, a primeira mulher, em 35. Os homens começaram nos EUA e tive essa informação por meio de impressos trazidos da Alemanha pelos meus pais. Mas eu só aperfeiçoei esse estilo mais tarde, quando, em 39, naidei os recordes mundiais dos 200 m e dos 400 m peito.

Folha - Nessa época, a srta. estava treinando para os Jogos de 40, cancelados devido à guerra.
Lenk - Faltava pouco e eu estava em condições. Foi uma decepção muito grande. Talvez a maior de toda a minha vida.

■ A seleção brasileira de pólo aquático deu vexame: foi eliminada por agressão ao árbitro, após perder para a Alemanha



A nadadora brasileira Maria Lenk (segunda à esquerda), posa junto a outras competidoras

Os Brasileiros*

Atletismo Masculino
Maratona
 João Clemente da Silva (19') 3h02min06s
Salto com vara
 Lúcio de Castro (6º) 3,96 m
Salto em distância
 Clóvis Raposo (8º) 6,43 m

Natação Masculino
Revezamento 4 x 200 m livre
 Brasil (7º) 10min36s55 (Isaac Morais, Benevenuto Nunes, Manoel Lourenço Silva e Manoel Rocha Vilar)

Feminino
200 m peito
 Maria Lenk (eliminada nas semifinais) 3min26s5

Pólo aquático
 Desclassificado
 Campanha: 1-6 EUA, 3-7 Alemanha

Remo
Dois com
 Brasil (4º) 8min53s2 (José Ramalho, Estêvão Strata, Francisco Brício)

*Principais resultados

Samba, suor e cerveja

André Fontenelle

Ao som de "O Teu Cabelo não é Negro", samba composto por Lamartine Babo, desembarcou em Los Angeles a mais alegre delegação de 1932: a do Brasil. No dia seguinte, alguns jornais locais publicaram que os brasileiros haviam decidido do navio sob os acordos do "Hino Nacional". Os erros começaram na viagem. A Confederação Brasileira de Desportos decidiu enviar 82 atletas. Como não havia dinheiro para tanto, a solução foi embarcar os brasileiros junto com 50 mil sacas de café, no cargueiro "Itaquicé". Da venda do café dependeria a participação brasileira na Olimpíada. Quando o navio chegou a Los Angeles, nem todo o café tinha sido

vendido. Ficaram a bordo 24 atletas, enquanto o navio seguia para San Francisco, para tentar vender o restante da carga. O melhor resultado foi o sexto lugar de Lúcio de Castro no salto com vara. Castro, que vive hoje em Santo Antônio do Pinhal (SP), fez 3,90 m. "Pelos informes feitos nos EUA, quem saltava 4 m com vara de bambu saltaria com a nova vara 6 m", afirma. E os brasileiros que foram vender café em San Francisco? Eles conseguiram negociar as sacas restantes, mas tarde demais para competir. A viagem, porém, não foi de todo perdida: o "Itaquicé", bem abastecido de bebidas, se tornou um animado ponto de encontro em meio à Lei Seca dos EUA. A estadia dos brasileiros terminou exatamente como havia começado: em samba.



X JOGOS OLÍMPICOS

1932 LOS ANGELES

DECIDIDOS A PROMOVER
AS OLIMPIADAS MAIS ORGANIZADAS DA
HISTÓRIA, OS AMERICANOS
GASTAM MUITO DINHEIRO
EM LOS ANGELES. RESULTADO:
UMA ESPETACULAR QUEBRA DE RECORDES.

Quando Mildred Didrikson soube que o barão de Coubertin havia admitido — e de certa forma abençoado — a participação das mulheres nas provas olímpicas de atletismo, tornou-se uma das moças mais felizes de Nova York. Desde pequena, ao ver que os meninos insistiam em deixá-la fora de suas brincadeiras de rua, ela se batia contra a discrimi-

nação que mantinha as mulheres à margem de certos tipos de esporte. Uma vez, no colégio, teve violenta discussão com um colega a respeito do que ela considerava "um preconceito absurdo". E lembrou-lhe que os antigos gregos, verdadeiros criadores dos Jogos Olímpicos, eram menos inflexíveis do que os homens do século XX. Tanto que faziam realizar, todos os



Mildred "Babe" Didrikson, dos Estados Unidos, a maior atleta dos Jogos de 1932 (no centro), ganhando sua segunda medalha de ouro, na prova dos 80 m com barreiras.

anos, em Delos, uma série de competições atléticas entre as mulheres.

Nas brincadeiras de rua, Mildred, a quem chamavam de "Babe", enfrentava, com vantagem, qualquer menino de sua idade. Era mais veloz nas corridas, patinava com mais elegância e até chegava a manejar melhor um bastão de beisebol. Mais crescida e já então frequentando a universidade, trocou as brincadeiras por todos os tipos de competições esportivas ao seu alcance: corridas, saltos, natação, basquete, ginástica e tênis.

**Quase tudo perfeito:
duas semanas de recordes**

Mildred Didrikson talvez tenha sido a maior vocação feminina de atleta do esporte americano. Em 1928, com apenas treze anos, não pôde integrar a equipe que o seu país mandou a Amsterdam. Mas, em 1932, certamente estaria entre as moças que no Coliseu de Los Angeles lutariam pelas medalhas de ouro do atletismo.

**Imre Petnehozy (Hungria)
fracassa no pentatlo
moderno. A medalha
ficou para Johan
Oxenstierna, da Suécia,
mantendo a tradição
iniciada em 1912.**



Os X Jogos Olímpicos, com tudo isso, não foram "tão femininos" quanto os anteriores. Nada menos de 290 moças haviam competido, em Amsterdam, nas diferentes provas de atletismo, natação, esgrima e ginástica. Agora, o total de competidoras descia para 127, suprimindo-se as provas de ginástica. Além disso, a presença das moças no atletismo, em 1928, fora uma novidade que ocupara a primeira página dos principais jornais americanos e europeus. Agora, imprensa e público já a aceitavam como um fato comum e, por isso, não mais importante do que as provas masculinas.

Exatamente como aconteceu com os franceses — que não repetiram em 1924 os erros de organização que haviam cometido em 1900 —, os americanos souberam como evitar que o fracasso de St. Louis se repetisse em Los Angeles. Nunca um comitê organizador dispôs de tanto dinheiro para realizar uma festa olímpica: um estádio magnífico, instalações de primeira, luxuosos alojamentos para os atletas, cozinheiros especializados